

FLAMA

N.º 1096/ANO XXV/7 DE MARÇO DE 1969/7.50

**FERNANDO TORDO:
QUEM É A MAIOR
REVELAÇÃO
DO PRÊMIO TV**

GRANDE INQUÉRITO

**INTERMEDIÁRIOS
E CUSTO DE VIDA:
ENTRE A TERRA
E O ESTÔMAGO
ENGORDAM AS
CARTEIRAS**

**A CORES:
OS "BEATLES"**

O TREMOR DE TERRA

FERNANDO TORDO

3 horas, 41 minutos e 20,2 segundos do dia 28 de Fevereiro. Lisboa desperta em sobresalto. Safanões abanam os edifícios. Um ronco vem do mar para a terra e funde-se com o gemido dos blocos de cimento e ferros torcidos.

RONCO QUE VEIO DO MAR



Grande parte da população de Lisboa veio para a rua, onde passou o resto da madrugada. A DIREITA: Muitos foram os casos em que os nervos não resistiram. EM BAIXO: Algumas dependências do Hospital de S. José sofreram estragos, obrigando à transferência dos doentes.



REPORTAGEM DANIEL RICARDO / FOTOS JOAQUIM LOBO, NUNES CORREIA E SALVADOR RIBEIRO



— Quando a calíça começou a cair do tecto e da parede sobre a minha cama, pensei que a casa ruía e corri, desvairada, sem saber para onde. «Aquilo» parecia que nunca mais acabava — contar-nos-ia, mais tarde, a sr.^a Hermínia Gonçalves, de Lisboa, fundos círculos negros em torno dos olhos, um xaile de lã a envolver os ombros magros.

— Senti um estrondo vindo do telhado. Era a chaminé que desabava. Nessa altura perdi a cabeça e nem sei explicar por que razão não me atirei da janela — disse-nos um lisboeta, apontando as fendas sinuosas na parede de sua casa.

Às 4 e 30, a multidão povoa as ruas. Embrulhados em cobertores, homens e mulheres de todas as idades esperam sob a chuva miudinha e enervante. Faróis riscam a noite, cruzam grupos que buscam os descampados, em demanda dos arredores da cidade. O grito das sereias prolonga-se, estridente e agourento. Não há luz. Por precaução tinham sido desligadas muitas linhas aéreas, para evitar a produção de curtos-circuitos e incêndios. Simultaneamente, dois disparos registados nas linhas centrais primárias dificultaram o imediato recomeço, após o sismo, do abastecimento normal de electricidade a vastas áreas da capital.

Junto das cabinas telefónicas, o público aglomera-se. É quase impossível comunicar com os familiares porque as junções da rede urbana e os circuitos externos estão congestionados. Até à madrugada do dia 1, manter-se-ia uma lista de espera com 12 mil pedidos de chamadas ordinárias. A situação só ficaria normalizada no dia dois.

— A falta de notícias aumenta o desespero! — exclama um jovem, ao nosso lado.

«VOLTEM A CASA»

5 horas. Voltou a luz. O serviço de noticiários do Rádio Clube Português retoma a emissão. Um sismógrafo registou o abalo às 3 horas, 41 minutos e 52 segundos, com o período de maior intensidade entre as 3 e 45 e as 3 e 55. São as primeiras informações concretas. «O perigo passou» — anuncia a voz forte e pausada que os altifalantes dos minúsculos «transistors» irra-

O MEDO NÃO DISPENSOU NINGUÉM

diam: «Voltem a casa». Mas, no ar, paira ainda a emoção. Viaturas dos bombeiros cruzam as avenidas. Mulheres rezam, ajoelhadas na calçada. Nos átrios dos hotéis, os turistas concentram-se apavorados, surpreendidos por um fenómeno inusitado que, longe dos seus países, ganha dimensões de catástrofe. Médicos e enfermeiros multiplicam-se, no afã de acorrer às vítimas de quedas e depressões nervosas.

Setenta e uma pessoas são tratadas em São José, cujo velho edifício também abriu algumas fendas — a meio da tarde quatrocentos dos seus doentes foram transferidos em ambulâncias militares para outros estabelecimentos, por ordem do ministro da Saúde.

OS CÃES UIVAM

As 5 e 28, novo abalo telúrico faz estremecer os corações. E, porém, muito mais fraco que o primeiro e depressa se extingue. Cães uivavam, num choro prolongado e sinistro, quando a terra, de súbito, vibrou. O sr. António Graça que reside perto do Jardim Zoológico disse-nos:

— Ouvi rugidos, uivos e choros vindos das jaulas, momentos antes dos sismos. Os animais estavam inquietos. Presentiram o fenómeno, na sua gestação.

Ao longo da Avenida do Brasil, pessoas olham o céu, apreensivas. Sobre as chaminés da Sacor um clarão vermelho mancha as pesadas nuvens de tempestade. É a chama da refinaria que se projecta no espelho de água que a atmosfera incuba. Mas as horas dramáticas transformam a imagem das coisas simples...

Clareia, lentamente, a manhã. Chove. A população continua indecisa e temerosa, ao frio. Chegam mais notícias. Diz-se que, em Alhos Vedros, nasceu uma menina durante o sismo. Conta-se que um automobilista ficou parado no meio da Ponte Salazar que baloiçava. Ao mesmo tempo, o navio Manuel Alfredo aproximava-se de Lisboa, procedente da Guiné. O comandante, sr. Joaquim da Silva Oliveira, afirmaria:

— Navegávamos a 243 quilómetros ao sul de Sines quando sentimos um ruído insólito. Em torno do barco a água borbulhava como se fervesse. Estávamos sobre o epicentro do tremor de terra.

Sete mortos e dezenas de feridos, prejuízos materiais elevados, o patri-



EM CIMA E À DIREITA: Os coruchéus da igreja de S. Domingos sofreram profundas fendas, mas na opinião dos técnicos, não ameaçam ruir. EM BAIXO: O dr. Alfredo Mendes, director do Serviço Sismográfico falando para a nossa revista.



mónio artístico do País gravemente atingido — foram as trágicas consequências do sismo, que também abalou Marrocos e Espanha.

POUCOS ESTRAGOS, PORQUÊ?

Segundo informações do Serviço Meteorológico Nacional, o foco ou hipocentro situou-se no mar, a uma profundidade de 15 a 20 km e o epicentro a 230 quilómetros a sueste de Lisboa. Se as vítimas e estragos foram muito inferiores ao que se podia esperar — afirmam os sismólogos — isso deve-se ao facto de o hipocentro ter sido muito mais profundo do que é habitual. Com efeito, a magnitude do sismo foi de 7,3, na escala Richter — um dos mais fortes, pois, registados até hoje no Mundo.

— Os sismos são abalos da crosta terrestre, bruscos e de curta duração — explicou-nos o dr. Alfredo Mendes, director do Serviço Sismográfico do Instituto Geofísico Infante D. Luís. A terra entra em vibração porque se quebra o equilíbrio elástico dos materiais que constituem o interior do Globo. Então são emitidas ondas sísmicas preliminares P e S. As ondas P correspondem a movimentos longitudinais das partículas, no sentido da propagação, ao passo que as ondas S correspondem a movimentos transversais, no plano horizontal ou perpendicular à direcção de propagação. Estas duas espécies de ondas originam, ao alcançarem a superfície, uma terceira espécie — as ondas superficiais ou longas que se propagam a uma velocidade de 3,8 quilómetros por segundo.

— O rompimento do equilíbrio elástico a que me referi — prosseguiu o dr. Alfredo Mendes — pode, por outro lado, derivar da sujeição do meio a esforços que ultrapassem o nível de resistência dos materiais, do choque — como o abatimento do tecto de uma caverna subterrânea — ou, ainda, do deslocamento das fracturas da Terra.

REPETIÇÕES IMPERCEPTÍVEIS

Nem todos os sismos são, no entanto, perceptíveis pelo homem, embora os mais fortes acompanhem ruídos audíveis. Estes sismos surgem, geralmente, depois de outros mais fracos (sismos preliminares) e precedem as



Na Cova da Piedade os efeitos do sismo foram violentos, provocando estragos que afectaram principalmente as habitações mais humildes. EM BAIXO: Em Lisboa, foram muitos os automóveis que ficaram desmantelados sob o peso das empenas caídas do alto dos prédios.



SEGUE

TREMOR DE TERRA



Os efeitos do abalo telúrico fizeram-se sentir principalmente nas chaminés e empenas dos prédios. Foram muitas as que os bombeiros tiveram de apelar por constituírem perigo.

réplicas, isto é, pequenos abalos que passam despercebidos. Assim aconteceu, de resto, no dia 28. Depois da grande vibração das 3 e 41, o solo voltou a tremer às 5 e 28 e, mais tarde, às 11 e 5. Não admira, pois, que se registe, em média, um abalo telúrico em cada 16 horas e 10 mil em cada ano. Desde o século VI, além disso, estima-se em mais de três milhões o número de pessoas que morreram, em consequência de terremotos.

Recordamos as palavras de um lisboeta: «O pior é que ninguém pode prever estes fenómenos». Efectivamente, disse-nos o dr. Alfredo Mendes:

— *A investigação científica procura, em particular nos EUA, no Canadá na URSS e no Japão, encontrar um processo de previsão sismológica, sem resultado, porém, até ao momento. Entre nós, faz-se vigilância sísmica e desenvolve-se o conhecimento da sísmicidade de todo o território português. Não temos meios que nos permitam ir mais além.*

E o nosso interlocutor referiu a localização do continente em relação à zona sísmica mediterrânica e afirmou que os Açores, por seu turno, situados no cruzamento daquela zona com a zona sísmica atlântica, constituem o território português de maior sísmicidade.

— *A confirmá-lo — acrescentou — aí está o abalo telúrico do dia 28 que, se não tivesse o epicentro no mar, onde provocou ondulações denominadas «tsunami» decerto causaria desastres muito mais graves.*

Na verdade, o sismos tornam-se desastrosos quando atingem o valor VIII da escala internacional Mercalli, escala qualitativa utilizada para classificar os terremotos de acordo com os seus efeitos e cujo índice mais elevado é XII. Mas, entre o grau VI e o grau VII são já destruidores.

— *Ora o abalo que sacudiu o País — concluiu o dr. Alfredo Mendes — alcançou um valor aproximado de VII na escala Mercalli e de 7,3 na escala Richter a qual, por sua vez, indica, numa perspectiva científica, a magnitude dos fenómenos, determinada a partir da amplitude dos movimentos registados pelos sismógrafos.*

O FANTASMA DE AGADIR

Escalas, graus, causas possíveis, necessidade de previsão, «repetir-se-á a tragédia de Agadir?» — Portugal discutia, enquanto nas ruas se amontoavam destroços e as fendas nas pare-

O FANTASMA DE AGADIR PASSOU POR AQUI



À ESQUERDA: o relógio (no Rossio) parou na hora exacta do abalo sísmico. EM CIMA: Os pesados ornamentos de pedra que encimavam a igreja das Mercês despenharam-se com fragor na escadaria. EM BAIXO: A acção dos bombeiros incidiu, em especial sobre os telhados.



des dos edifícios mantinham viva a memória tenebrosa de uma madrugada dramática. No alto dos telhados, o pessoal do Batalhão de Sapadores Bombeiros que, até às 18 horas de sexta-feira tinha recebido 1200 chamadas, uma das quais por telegrama, abatia, a golpes de machado, as chaminés arruinadas. O brilho metálico das escadas «Magirus» que trepavam pelos prédios da Graça, da Ajuda, do Areiro, da Baixa, de toda a cidade, enfim, era um pólo de atracção. Concentravam-se os transeuntes, olhos de espanto, defronte das casas sinistradas, dos automóveis destruídos. E, na noite do dia 1, muitas famílias recosas da repetição do abalo dormiram, ainda, ao relento, durante as longas horas brancas que se arrastavam sob o céu de chumbo.

E, no entanto, todos os prédios construídos no País desde 31 de Maio de 1958 estão abrangidos por um regulamento de segurança contra sismos. Quer isso dizer que, se aquele regulamento tem sido cumprido, então, o risco de desabamento dos edifícios com menos de 10 anos é acentuadamente reduzido. Em Lisboa, considerando, todavia, as características do subsolo — vulcânico e geográficamente sujeito às influências da zona sísmica do Mediterrâneo — a Câmara Municipal estabeleceu, também, disposições de construção que incidem sobre todas as edificações, obrigando os respectivos projectos a estabelecer uma estrutura reticulada de betão armado constituído por vigas e pilares, dado que se considera o betão armado mais seguro do que a alvenaria.

Os prédios construídos ao abrigo do regulamento de 1958 vibram de uma forma sensível, como se fossem feitos de cartolina. Contudo, a tolerância dos seus materiais permite-lhes resistir, eficazmente, aos sismos.

— Nos novos edifícios não houve problemas — disse-nos o coronel Rogério Cansado, comandante do BSB — mas quanto aos edifícios antigos, como os homens não os deitaram abaixo há quarenta anos, altura em que deviam ter sido demolidos, encarregou-se agora a Natureza de o fazer. Alguns não suportariam outro tremor de terra.

Para a maioria dos portugueses parece ter terminado o pesadelo. No ar, pairam as palavras célebres do marquês de Pombal, após o terramoto de 1755. Porque, respeitadas as proporções, devemos, também nós tomar, finalmente, a decisão de «... cuidar dos vivos».